

# Corrigir a existência: a ética como estética em Albert Camus<sup>1</sup>

Gabriel Ferreira da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O percurso construído pelo pensamento de Albert Camus (1913-1960) perfaz uma unidade profunda entre Ética e Estética. Partindo de uma preocupação explicitamente ética, o autor acaba por ter de desenvolver uma antropologia filosófica, ou seja, um discurso sobre o homem que tem como núcleo um conceito que o reenvia àquilo que podemos chamar de dimensão estética para então, a partir daí, oferecer uma resposta àquele problema ético. Desse modo, pretendemos neste trabalho explicitar o caminho ao qual aludimos em três momentos: (a) a existência humana como problema ético; (b) o discurso camusiano sobre o homem que tem como núcleo a noção de *Passion* e, por fim, (c) a elaboração de um novo *éthos*, partindo da noção de Paixão, como resposta necessária ao problema existencial configurada como uma re-criação ou correção permanente, à semelhança do ofício do Artista.

**Palavras-chave:** Camus – Ética – Estética – Existência.

## A. A existência como problema ético

O início paradigmático do ensaio de 1942, *Le mythe de Sisyphe*, exhibe explicitamente o ponto a partir do qual Camus considera a existência humana:

---

<sup>1</sup> Este trabalho visa sintetizar os resultados da pesquisa, expostos em nossa dissertação de mestrado, defendida em abril de 2009.

<sup>2</sup> Mestre em Filosofia (PUC-SP). E-mail: gabriel@gabrielferreira.com.br

Il n'y a qu'un problème philosophique vraiment sérieux: c'est le suicide. Juger que la vie vaut ou ne vaut pas la peine d'être vécue, c'est répondre à la question fondamentale de la philosophie. Le reste, si le monde a trois dimensions, si l'esprit a neuf ou douze catégories, vient ensuite. Ce sont des jeux<sup>3</sup>.

A oposição entre o modo que o sério, na medida em que este problema constitui o único problema relevante da filosofia, e o jogo, que nos remete ao *divertissement* pascaliano na medida em que os outros problemas aos quais Camus faz referência não atacam a questão central e não são senão periféricos, já aponta para aquilo que terá lugar de destaque em sua reflexão, a saber, o problema advindo da pergunta pelo sentido da existência humana em necessária conexão com uma *práxis* devida que lhe acompanhe. Embora saibamos da interpretação tradicional do termo *práxis*, nós o utilizamos para demarcar, no seu sentido radical, a dimensão daquilo para além do especulativo, que se efetiva existencialmente. Com isso queremos dizer que para Camus a pergunta pelo sentido deve, como podemos bem notar no trecho citado, ser acompanhada de uma ação que dela decorra. O suicídio só pode ser dito como a questão fundamental da filosofia porque caso a pergunta que se refere à validade ou não da existência receba resposta negativa, o existente sério, que portanto não mente para si mesmo, deveria considerá-lo como ação possível derivada da constatação de não-sentido existencial.

É portanto a partir do problema central do sentido da existência e de sua ação correlata que a análise camusiana deve se debruçar necessariamente sobre a investigação da existência humana a fim de (1) desvelar suas estruturas e categorias assim como (2) determinar o *éthos* que lhe seja correspondente.

Devemos notar aqui que a investigação filosófica de Camus tem sempre, seja como ponto de partida ou como horizonte, uma preocupação de ordem ética. Como aponta um de seus comentadores, “Camus

3 CAMUS, Le mythe de Sisyphe, p. 1.

relève de cette tradition philosophique que l'on peut appeler, en reprenant le terme de Fichte, le ‘moralisme’ et qui consiste à s'intéresser au problème de l'action plutôt qu'au problème de l'être”<sup>4</sup>. Com o quadro inicial exposto acima deve-se ver também que mesmo o trabalho de definições de conceitos estritamente existenciais devem conter a contra-senha da ética, para dizer com Kierkegaard. Como se verá adiante, todo o desdobramento da analítica existencial camusiana tem em seu bojo a essencial relação com o domínio da ação humana que também lhe constitui. Entretanto, devemos ter presente que a noção de ética no pensamento de Camus está em profunda consonância com o pensamento helênico. Ela ultrapassa o domínio do simples bem agir, diz respeito à totalidade da existência humana enquanto conexões entre escolhas e ações na medida em que tais conexões se prestam a construir tal ou tal modalidade de existência – como uma “segunda natureza” –, e portanto, de homem. Dessa forma, definir as categorias gerais de um *éthos* próprio ao homem é estabelecer as condições de possibilidade de uma existência autêntica ou inautêntica, séria ou lúdica.

A análise que busca desvelar as estruturas próprias à existência é extremamente devedora da concepção de existência utilizada por Camus. Legatário sobretudo da inflexão que Kierkegaard conferiu a tal termo, Camus a entende principalmente a partir de seu aspecto de atualidade, concretude, que não pode ser deduzida totalmente do conceito, sendo que é justamente sua atualidade o resíduo que escapa à qualquer tentativa de abstração (Avicena, Kant). Assim, sua investigação remete sobretudo ao caráter de evidência para avançar. Devemos aqui estabelecer uma distinção que aparece no interior desta análise. Camus diferencia o que denomina “sentimento do Absurdo” da “noção do Absurdo”. O primeiro diz respeito à uma questão de fato, ou seja, o “sentimento do Absurdo” é o elemento pelo qual o homem toma consciência da estrutura de sua existência mas que, no entanto, não pode ser resumida a tal elemento. Para Camus o sentimento do Absurdo é uma espécie de desconforto sentido a partir do momento onde aquela questão pelo sentido, já apontada acima, se apresenta como não passível de receber uma res-

4 PASCAL, Albert Camus ou le philosophe malgré lui, p. 175.

posta imediata. Camus frisa a importância de tal sentimento no que diz respeito ao aspecto epistemológico e, portanto, para o despertar do existente. É pela experiência de tal “sentimento do Absurdo” que a consciência é despertada para a investigação existencial. Entretanto, o estranhamento descoberto pela sensibilidade tem origem numa configuração tal da existência humana da qual ele não é senão efeito. É portanto a causa o que podemos subsumir à noção de Absurdo e é esta que por ora nos interessa.

## B. O homem como *Passion*

É Camus mesmo quem inicia a definição de Absurdo pela etimologia do termo. Absurdo se refere àquilo que soa mal, incongruente, desarmonioso. Ora, para o autor a diferença, a desarmonia e a incongruência são os signos distintivos da estrutura da existência humana. Se a pergunta pelo sentido não encontra resposta imediata é porque ela se depara com elementos como a finitude, a contingência e a opacidade da experiência humana à razão. A dificuldade de sentido propriamente humano para a existência advém do choque, ou como diz Camus, do divórcio, da separação que se dá entre a expectativa humana e as reais condições existenciais para a efetivação desta expectativa. Para Camus, a condição humana é então de conflito entre um *páthos*, uma Paixão, um desejo que se desdobra e se desenvolve em certos sentidos, e as categorias próprias à existência humana em sua simultaneidade inconciliável. O que ocorre no seio da existência humana é uma presença comum, de dois pólos, não-simétricos, sendo que cada um deles é absolutamente irreduzível ao outro.

A irreduzibilidade é o fator preponderante na argumentação camusiana. Para Camus, há no homem uma Paixão fundamental, um aspecto afetivo, desejante, que pode inclusive ser dito erótico (em sentido platônico), que se manifesta como “appétit d’absolu et d’unité”<sup>5</sup>, “passion de vivre”<sup>6</sup>, e ainda um “attachement d’un homme à sa vie”<sup>7</sup> que não pode

5 CAMUS, Le Mythe de Sisyphe, p. 136.

ser subsumido nem tampouco identificado à nenhuma das estruturas próprias à existência, tais como sua efetividade, sua contingência e sua finitude mas, antes, entra em confronto com elas pela impossibilidade de suplantá-las. Aquilo que está no cerne do discurso antropológico camusiano é aquilo que há de “irréductible et de passionné dans un coeur humain”<sup>8</sup>. Mesmo a análise existencial encontra seu motor primeiro no *páthos* de unidade, no desejo de síntese entre o conceito e a existência ela mesma, síntese entre o pensamento e ser. Assim, mesmo a investigação intelectual se dá motivada por tal “passion”: “la pensée d’un homme est avant tout sa nostalgie”<sup>9</sup>.

A Paixão tal qual expressada por Camus deve ser vista como aquilo que perfaz a ligação entre o o homem e seu objeto ideal. Ideal porque a sede do problema camusiano é justamente a diferença ou declive que configura a existência humana, advindo da heterogeneidade desses dois pólos. É por isso que tal dimensão patética pode ser dita o cerne da concepção de homem no pensamento de Camus. Ela é o núcleo do que configura o propriamente humano, indissociável deste e irreduzível a outro conceito, já que subsume seu traço fundamental que é a exigência de efetivação do ideal de unidade desejado.

## C. A revolta como estética da existência

Como corolário da análise camusiana, podemos dizer que Camus define o homem a partir de sua relação *passionné* para com sua própria existência. É a presença de tal *páthos*, como desejo incontornável de unidade da experiência existencial, que está na base do choque e da ruptura nomeada como Absurdo para Camus. Se há diferença entre o homem mesmo sua condição existencial é porque há no homem um desejo inalienável que tem como objeto a outra configuração desta mesma condição. A infinitude e a completa razoabilidade da experiência

6 CAMUS, Le Mythe de Sisyphe, p. 99.

7 CAMUS, Le Mythe de Sisyphe, p. 102.

8 CAMUS, Le Mythe de Sisyphe, p. 139.

9 CAMUS, Le Mythe de Sisyphe, p. 134.

existencial estão no horizonte desta *passion* que se choca com aquilo que Camus denomina “ordem do mundo”<sup>10</sup>. Dessa forma, reaparece aqui o problema anunciado já no umbral de *Le mythe de Sisyphe*: se a experiência de existir se apresenta absurda ou, como nos diz o próprio autor, a demanda humana por sentido não encontra efetivação, o suicídio deveria ser considerado sob o ponto de vista de uma ação possível em resposta a tal ruptura. Entretanto, para Camus, a resposta à questão que apresenta o suicídio como solução ou ação que seria o contraponto da constatação de absurdidade da existência, deve receber uma resposta negativa. Posto que o Absurdo é o choque entre a exigência humana e sua impossibilidade de efetivação, o suicídio não pode ser considerado verdadeira resposta na medida em que, para Camus, não constitui verdadeira solução para o problema existencial. O suicídio é tão somente a supressão de um dos termos do problema que, ao invés de resolvê-lo, impossibilita mesmo sua colocação. Ao propor a supressão do homem, um dos pólos da tensão que compõe o Absurdo é excluído e nega-se o que se queria afirmar, a saber, exatamente a *passion* humana. Devemos notar que Camus encara a questão do suicídio como possível consequência lógica da ausência de sentido da existência e não do ponto de vista de uma ação súbita movida por este ou aquele acontecimento. Sob aquele aspecto, portanto, o suicídio seria uma falácia ao suprimir um dos termos que compõe o problema.

É, portanto, a partir da negação do suicídio como solução que urge, já ao final de *Le mythe de Sisyphe*, a necessidade de um *éthos* próprio ao homem que reconhece sua condição como fraturada mas que, no entanto, não pode se furtar dela sem abolir sua existência mesma. A tensão a que acima aludimos deve ser mantida sob pena de suprimir o homem. É o que reconhece Camus em uma citação que pensamos ser fundamental:

Vivre, c'est faire vivre l'absurde. Le faire vivre, c'est avant tout le regarder. Au contraire d'Eurydice, l'absurde ne meurt que lorsqu'on s'en détourne. L'une des seules positions phi-

10 CAMUS, *La peste*, p. 1323.

losophiques cohérentes, c'est ainsi la révolte, Elle est un affrontement perpétuel de L'homme et de sa propre obscurité. Elle exige d'une impossible transparence. Elle remet le monde en question à chacune de ses secondes<sup>11</sup>.

Assim, se viver é fazer viver o Absurdo e o suicídio não pode ser arrolado como *práxis* correlata ao problema, abre-se a necessidade de uma reflexão sobre como existir “encarando-o” ou seja, existir no seio desta tensão irresolúvel. Como nos indica o autor, a posição filosófica coerente é então a Revolta, enquanto esta se apresenta como manutenção da oposição e do choque homem-mundo. Aquilo que Camus denomina Revolta deve estar necessariamente no horizonte do existente na medida em que pressupõe justamente a oposição e o divórcio homem-mundo, ao invés de suprimi-lo. Isto porque há no cerne desta noção um duplo movimento de afirmação e negação. Ela deve necessariamente contemplar a dimensão afirmativa da *passion* humana, que perfaz a crítica e o aspecto negativo, que recusa o não-sentido da condição humana.

Devemos porém notar um passo da argumentação camusiana que termina por desembocar na Revolta como pressuposto de toda ação condizente com a condição humana. O autor analisa, num momento de transição de *Le mythe de Sisyphe*, algumas figuras que indiciam posturas possíveis frente ao Absurdo. Estas figuras são Don Juan, o Conquistador e o Ator. Em tais figuras Camus enxerga, hipostasiadas, modos de existência que sucedem a tomada de consciência do Absurdo. As três modalidades são descartadas pois se contentam em apenas reproduzir o descontentamento multiplicando as vivências. Compõem o que o autor denomina moral de quantidade. Restringem-se a replicar o mesmo quadro existencial numa tentativa de, quantitativamente, pelo acúmulo de experiências, superar a falta de significação existencial.

É neste ponto, ainda em *Le mythe de Sisyphe*, que Camus evoca a figura do Artista que, a partir deste momento da análise, encarnará o *éthos* próprio ao homem revoltado. Nos diz o autor:

11 CAMUS, *Le Mythe de Sisyphe*, p. 138.

Travailler et créer ‘pour rien’, sculpter dans l’argile, savoir que sa création n’a pas d’avenir, voir son oeuvre détruite en un jour en étant conscient que, profondément, cela n’a pas plus d’importance que de bâtir pour des siècles, c’est la sagesse difficile que la pensée absurde autorise. Mener de front ces deux tâches, nier d’un côté et exalter de l’autre, c’est la voie qui s’ouvre au créateur absurde. Il doit donner au vide ses couleurs<sup>12</sup>.

Estamos aqui no centro da descrição do fazer do artista em *Le mythe de Sisyphe*. A partir desta citação, que consideramos de fundamental importância, desdobram-se os atributos principais do Artista e que acompanharão este tipo camusiano por excelência, até as últimas páginas de *L’homme révolté*. A dimensão ativa ou positiva do *éthos* do homem absurdo deve partir daquilo que aponta o autor em relação ao Criador.

A radicalidade da figura mais absurda se exhibe também na sua lucidez sem descanso. O Artista-Criador não tem esperanças sobre sua infinitude nem sobre a infinitude de sua obra. Ele cria consciente do nada, ou melhor, não obstante o nada. A imagem do esculpir em argila é muito eloqüente: apesar da plasticidade da matéria, ou talvez por causa dela, sua fragilidade se exhibe a cada momento. O esforço do Criador se deposita num suporte finito e frágil. Sustentar a consciência da Contingência e da Finitude parece ser tarefa própria do homem absurdo desde a sua descrição. Aqui Camus soma à consciência sempre alerta a obstinação do ofício. É importante perceber que, embora sua condição seja de impossibilidade de superar o seu registro, o autor não aponta jamais para uma atitude de resignação. A posição do Artista é complexa: não se trata de aceitação das categorias de sua existência mas também não é a simples reprodução quantitativa em vista do seu esgotamento. Camus não propõe, na figura do Criador, um consumo da facticidade a partir da constatação de seu vazio. Cabe à figura mais absurda radicalizar o choque mas também firmar posição a partir do reconhecimento de sua iden-

12 CAMUS, *Le Mythe de Sisyphe*, pp. 189-190.

tidade profunda como um ente *passionné*. Desse modo, a postura que se prende radicalmente às raízes do problema do Absurdo não pode ser simplesmente a de repetição vazia ou esgotamento, o que equivale a uma aceitação de sua condição. Cabe ao Artista encarnar um duplo ofício, a saber, de aceitar o Absurdo, já que não se pode furtrar dele sob pena de contradizer a si próprio e à sua *Passion*, mas deve também exercer a negação. Tal duplicidade presente no *éthos* do Artista-Criador é tão essencial que será um dos pontos principais da análise do Artista em *L’homme révolté*.

\* \* \*

Do mesmo modo que o suicídio em *Le mythe de Sisyphe* foi refutado como solução derivada da constatação do Absurdo por incorrer numa contradição com a *Passion*, toda a refutação das diversas instâncias das tentativas humanas de entabular um *éthos* Revoltado que não se mantenham fieis à negação do Absurdo e à “affirmation passionnée qui court dans le mouvement de révolte”<sup>13</sup> são contraditórias e falsas. Mas isso não é o que acontece na definição camusiana do compromisso e das exigências da Arte.

L’art aussi est ce mouvement qui exalte et nie en même temps. ‘Aucun artiste ne tolère le réel’, dit Nietzsche. Il est vrai; mais aucun artiste ne peut se passer du réel. La création est exigence d’unité et refus du monde. Mais elle refuse le monde à cause de ce qui lui manque et au nom de ce que, parfois, il est. La révolte se laisse observer ici, hors de l’histoire, à l’état pur, dans sa complication primitive. L’art devrait donc nous donner une dernière perspective sur le contenu de la révolte<sup>14</sup>.

Se desde a caracterização da figura do Artista em *Le mythe de Sisyphe* o seu ofício, a arte, é considerado em estreita relação com as exigências

13 CAMUS, *L’homme révolté*, p. 429.

14 CAMUS, *L’homme révolté*, p. 657.

do homem, aqui a arte ganha uma precedência que não tem comparação com nenhuma outra atividade humana. De início, Camus confere a ela o mesmo movimento que aquele que conceituara a Revolta, a saber, o de afirmar e negar simultaneamente, o que perfaz o equilíbrio e a medida própria da Revolta legítima que não pode ceder aos extremos. Se o Criador-Artista não tolera o real por desejar moldar o ordenamento da matéria desde seu primeiro ato, ele é plenamente consciente de não poder prescindir dele. Só a partir do real, e apesar dele, é que pode haver atividade criadora. Não há criação *ex nihilo*.

Ainda nessa primeira – e praticamente conclusiva – aproximação do conceito de Arte em *L'homme révolté*, reaparece a qualidade por excelência da atividade do Artista já presente em germe em *Le mythe de Sisyphe*: ele é, em sua essência, um corretor. Mas se, sob esse ponto de vista, o Artista tem um certo aspecto subversivo, ele não é caótico, não deseja a desmedida e a ruptura da ordem. Totalmente ao contrário, ele elege a aspiração humana por ordenamento, por uma experiência do mundo à medida humana como valor supremo. A Arte é recusa do mundo exatamente por ser exigência de unidade. É um desejo profundo de humanidade que Camus encontra no ofício do Artista. Já neste momento inicial a relação da Revolta com a Arte desvela-se em toda sua profundidade e força. Não é por acaso que na Arte a *Passion* essencial da Revolta exhibe-se em seu estado puro. Estão presentes não só o ponto de partida – a constatação de que a experiência do mundo não é conforme à sua *Passion* e por isso trata-se de partir de uma consciência sempre renovada de tal condição –, mas também e sobretudo os objetivos.

Não nos interessa no âmbito desse trabalho esgotar todas as possibilidades de uma estética camusiana em todas as frentes. Contudo, o papel preponderante e o estatuto da Arte em relação estreita com a Revolta devem se colocar no primeiro plano em se tratando da resposta de Camus ao problema do Absurdo. Desse modo não é por acaso que, a partir de nossa perspectiva de que a proposta última de Camus é o de *éthos* estético ou, ainda, de uma estetização existencial, o autor aproxima Arte e Revolta. É altamente significativo que neste plano todas as definições e caracterizações da Arte são feitas a partir das exigências fundamentais da Revolta e vice-versa. É o que podemos ver no capítulo de

*L'homme révolté*, “Révolte et Art”, no qual Camus analisa detidamente não só algumas expressões das artes plásticas mas também as relações existentes com o romance. Em todos os casos, perpassa um dos conceitos fundamentais da visão camusiana sobre a Arte que é também para nós imprescindível: o conceito de Estilização (*Stylisation*):

Quelle que soit la perspective choisie par un artiste, un principe demeure commun à tous les créateurs: la stylisation, qui suppose, en même temps, le réel et l'esprit qui donne au réel sa forme. Par elle, l'effort créateur refait le monde et toujours avec une légère gauchissure qui est la marque de l'art et de la protestation<sup>15</sup>.

A Estilização, como ponto de tangência entre o real, o mundo e o espírito que deseja, é o princípio que move o Artista à criação corretiva em vista de conferir à sua matéria a forma desejada. É a partir desse princípio que toda descrição e caracterização do fazer artístico é dita em termos de correção, reparo e conformação: “L'artiste refait le monde à son compte”<sup>16</sup>. Conferir estilo é, portanto, exprimir a “volonté de correction”<sup>17</sup> do Criador. Cabe notar que Camus prevê a possibilidade de excesso na Estilização. São tais excessos que constituem o formalismo e o realismo estrito. Quando se tenta prescindir do real em vista da forma que se quer imprimir ou, ainda, tentar atingir a forma pura, recai-se no formalismo estrito. Em contrapartida, a exaltação do real para além da atividade corretiva constitui o realismo puro. Contudo, assim como a Revolta só se faz na medida e na manutenção do limite entre os absolutos da afirmação e da negação da *Passion* humana, a verdadeira Arte também só se dá no *mésos* entre a afirmação resignada e a negação violenta: “Le grand art, le style, le vrai visage de la révolte, sont entre ces deux hérésies”<sup>18</sup>. Assim, embora haja possibilidade de desmedida na Arte (e na Revolta), sua verdadeira expressão se encontra na medida.

15 CAMUS, *L'homme révolté*, p. 674.

16 CAMUS, *L'homme révolté*, p. 659.

17 CAMUS, *L'homme révolté*, p. 675.

18 CAMUS, *L'homme révolté*, p. 675.

Se o refinamento do pensamento de Camus em relação ao Artista e à arte orbita ao redor da atividade contínua de re-trabalho em vista de uma correção do mundo, o desenvolvimento do *éthos* mais apropriado ao homem que mantém sua lucidez no seio do Absurdo não faz um caminho diferente. A dimensão criadora da exigência humana, que posteriormente Camus subsume à noção de Revolta, perpassa todo o plano conceitual de Camus. O que pretendemos mostrar é que uma comparação ou mesmo uma conexão íntima entre a postura derivada do Absurdo e o fazer do Artista-Criador não é fortuita ou mesmo meramente metafórica, mas abordar a existência Absurda a partir do paradigma e do programa estético do Estilo é a proposta camusiana por excelência. Sua solução ética se desenvolve no interior de um ideário estético. Em uma entrada de seus *Carnets*, à época da publicação de *L'étranger* e de *Le mythe de Sisyphe*:

“Développement de l'absurde:

- 1) si le souci fondamental est le besoin d'unité;
- 2) si le monde (ou Dieu) n'y peuvent satisfaire.

C'est à L'homme de se fabriquer une unité, soit en se détournant du monde, soit à l'intérieur du monde. Ainsi se trouvent restituées une morale et une ascèse, qui restent à préciser”<sup>19</sup>.

Segundo o próprio esquema esboçado pelo autor, a existência (Absurda) parte da preocupação, do interesse e do cuidado fundamental como necessidade de unidade que se choca com a impossibilidade de satisfação. A resposta humana é exatamente uma unidade fabricada, artificial. Se a imagem utilizada na descrição do Absurdo quando da análise da Paixão era o divórcio, cabe ao homem agir em vista de, se não promover, ao menos caminhar para uma reconciliação. Claro está que ao longo do percurso da obra, Camus veda ao homem a tentativa de fabricação de todas as reconciliações absolutas. As investidas para engendrar realmente e de maneira definitiva a unidade são contraditórias

rias ou para com as exigências humanas ou se chocam com os muros da nossa condição. O que parece se configurar como única medida autêntica é a manutenção e a atualização simultânea da consciência do Absurdo e da *Passion essentielle* e o esforço ascético de diminuição progressiva e constante do fosso entre nossa Natureza e nossa Condição.

Em outra nota em seus cadernos, agora em meados de 1947 no meio da confecção de *L'homme révolté*, Camus reordena seu plano de obra e acrescenta três outros momentos:

Ire série: Absurde: *L'Étranger* – *Le Mythe de Sisyphe* – *Caligula* et *Le Malentendu*.

2e – Révolte: *La Peste* (et annexes) – *L'homme révolté* – *Kali-ayev*.

3e – Le Jugement – *Le premier homme*.

4e – L'amour déchiré: *Le Bucher* – *De l'Amour* – *Le Séduisant*.

5e – Création corrigée ou *Le Système* – grand roman + grande méditation + pièce injouable.<sup>20</sup>

Em entradas que precedem e sucedem a esta, a expressão “création corrigée” torna-se frequente. Se em 1942 Camus já tinha em mente que o passo final da expressão do *éthos* do homem absurdo deveria ser no sentido de uma remodelação da experiência existencial, cinco anos depois este movimento de corrigir a ordem do real já se tornaria um ciclo. Note-se que uma espécie de ciclo ou fase ao redor da noção de amor Amor também se sucede à Revolta, como bem nota A. Corbic<sup>21</sup>. Podemos dizer que a *Passion* fundamental vai, ao longo do pensamento de Camus, objetivando-se cada vez mais, assimilando a alteridade pelo Amor e reconstituindo, dentro de seus limites, a existência com sua pulsão corretiva. Agir em vista de corrigir não a realidade como tal, muito embora, como nos alerta o autor, toda ação do Artista é um rivalizar com Deus. Mas a questão principal não é a de absolutamente promover a unidade absoluta (empreitada já criticada nas revoluções históricas).

20 CAMUS, *Carnets II*, p. 201.

21 Cf. CORBIC, Camus, l'absurde, la revolte, l'amour.

19 CAMUS, *Carnets II*.

Devemos ter claro que a exigência da Revolta, que deve se manifestar pela atividade recriadora da experiência existencial, não pretende fabricar um simulacro que alienaria o homem do real. Nada mais distante dos objetivos de Camus. Se o Absurdo é o ponto de partida do qual não se pode furtar de maneira absoluta, escamoteá-lo é atitude equivalente a todas as outras contradições que partem do esquecimento das origens do problema. Todavia, se não pode se afastar do Absurdo, o Revoltado não pode se reduzir a ele, tal como o Artista não pode identificar-se com o real sem imprimir nele sua marca ou, antes, tentar corrigi-lo a seu modo: “L’homme peut maîtriser en lui tout ce qui doit l’être. Il doit réparer dans la création tout ce qui peut l’être”<sup>22</sup>.

Assim, as descrições e explicitações da Revolta se dão a partir do mesmo princípio de Estilização, ou seja, de recriação corretiva de sua experiência existencial. O que move o Revoltado é então “la source créatrice de la révolte”<sup>23</sup>. A ação do Revoltado é agora descrita em termos de uma ascese, de um esforço criativo cujo produto, se assim se pode dizer, é a aproximação corretiva mesma de sua existência à sua demanda. A Revolta, como princípio por excelência da ação humana, põe em marcha este trabalho de adequação: “tout effort humain obéit, finalement, à ce désir déraisonnable et prétend donner à la vie la forma qu’elle n’a pas”<sup>24</sup>. A grande conclusão só pode se dar nestes termos: “le monde absurde ne reçoit qu’une justification esthétique”<sup>25</sup>.

Como fica claro, a correção operada pela Revolta é aquela mesma engendrada pelo Artista. Aquele cuidado de si que está na origem de tudo é elevado ao estatuto de construção de si para além da metáfora e da analogia. Cumpre ao homem uma remodelagem de sua experiência existencial pela redistribuição ou re-valorização dos elementos intra-existenciais. O presente, como única partícula da temporalidade na qual pode se dar tal ação, passa a ser o tempo forte, para além de todas as expectativas de um futuro no qual as contradições se resolveriam, tal qual prometem as revoluções. As formas de aniquilação da vida – e con-

22 CAMUS, *L’homme révolté*, p. 706.

23 CAMUS, *L’homme révolté*, p. 653.

24 CAMUS, *L’homme révolté*, p. 666.

25 CAMUS, *Carnets II*, p. 65.

seqüentemente da *Passion de vivre* – desaparecem completamente do horizonte de ação como falácia e contradição, pois “nous avons à vivre et faire vivre pour créer ce que nous sommes”<sup>26</sup>. O esgotamento estéril, que se faz acompanhar do esgotamento do outro e acaba por destruir a comunidade metafísica que há entre todos os existentes absurdos exhibe-se apenas como infertilidade e repetição das estruturas próprias à nossa condição que já promovem tal esvaziamento de sentido. A Revolta deve ser *élan* de promoção da comunidade humana em toda sua profundidade contra um destino esmagador. Em suma, a Revolta é verdadeiro esforço de re-conformação de si que não pode se limitar à uma dinâmica de mera reprodução de si: “L’homme s’y donne enfin à lui-même la forme et la limite apaisante qu’il poursuit en vain dans sa conditio (...). Loin d’être morale ou purement formelle, cette correction vise d’abord à l’unité et traduit par là un besoin métaphysique”<sup>27</sup>.

O nível médio de ação, próprio ao homem, é então o do enfrentamento das estruturas de nossa condição. É possível, inclusive, retornar à figura de Sísifo, que reaparece aqui, ele também re-valorado. Se seu mito era a expressão mais adequada da *Passion* inútil que é obrigada ao confronto sem descanso, sua vigília e sua exigência por sentido que pode converter sua pena em sua tarefa própria é a condição de possibilidade de imaginarmos Sísifo feliz, como propõe finalmente Camus, o que faz do mito também a imagem do Revoltado que re-valoriza sua experiência. A estética da existência proposta como *éthos* pelo autor não busca o ultrapassamento completo mas a obstinada recusa de se reduzir à condição humana opaca a demanda por sentido e a afirmação dessa mesma demanda como valor supremo: “et déjà, en effet, la révolte, sans prétendre à tout résoudre peut au moins faire face”<sup>28</sup>.

Portanto a proposta camusiana de um *éthos* que seja completamente conforme à nossa condição Absurda mas também em estrito acordo com as exigências da Revolta deve necessariamente partir de uma *Passion* de Estilização da experiência existencial. No conceito de Estilização estão presentes, como nos mostra Camus, não apenas o movimento de corri-

26 CAMUS, *L’homme révolté*, p. 653.

27 CAMUS, *L’homme révolté*, p. 668.

28 CAMUS, *L’homme révolté*, p. 708.



gir, ou seja, de aproximar assintoticamente a experiência humana de seus desejos, por minimizar o que nela é agressivo, mas também a completa consciência do limite próprio da “matéria” com a qual se trabalha, o que de saída já limita toda e qualquer pretensão de forjar uma solução definitiva e absoluta para o Absurdo da existência; a consciência do esculpir em argila, com sua plasticidade, limite, fragilidade e finitude. Com isso, o trabalho resultante deste quadro só pode ser uma ascese constante e uma lucidez sem fim: “Mais, plus profondément encore, il s’allie à la beauté du monde ou des êtres contre les puissances de la mort et de l’oubli. C’est ainsi que sa révolte est créatrice”<sup>29</sup>.

É portanto uma legítima estética da existência que propõe Camus: a existência deve ser trabalhada em vista de minimizar o fosso entre a condição e a *Passion* humana. Tudo o que serve ao espírito de Revolta contra a finitude, a falta de unidade e a irracionalidade última do mundo é parte do único *éthos* aceitável para Camus. O que subjaz aqui é um certo princípio de reversibilidade, de uma comutação: se se pode reconhecer na Arte a Revolta em estado puro, o autêntico Criador-Artista é um autêntico Revoltado. Assim, aquele que encarna o *éthos* da Revolta e o imprime em sua existência (que transborda para a existência dos outros) empreende o mesmo ofício de Estilizar a experiência. Ser Revoltado é fazer Arte sobre a existência. A Revolta é uma legítima ascese com vista a estetizar: “Nous faisons alors de l’art sur ces existences (...). Chacun, dans ce sens, cherche à faire de sa vie une oeuvre d’art”<sup>30</sup>.

O esforço de figuras imagéticas na obra de Camus, como Sísifo, Rieux e Tarrou<sup>31</sup>, é imagem do ofício que cabe a todo homem que, consciente do Absurdo da condição de existir sem Deus, sem unidade, sem manutenção da vida e sem felicidade plena, deve tornar-se Criador de uma experiência corrigida e de uma felicidade possível. É este não só o *éthos* adequado como aquilo que nos faz verdadeiramente humanos, uma *autopoiesis*, uma repetição qualitativa que afasta a experiência contraditória de existir pela criação. Parece ser só assim possível imaginar o homem feliz:

29 CAMUS, L’homme révolté, p. 671.

30 CAMUS, L’homme révolté, p. 664.

31 Rieux e Tarrou são os dois principais personagens do romance A peste.

Les contradictions ne se résolvent pas dans une synthèse ou un compromis purement logique, mais dans une création. Quand le travail de l’ouvrier comme celui de l’artiste aura une chance de fécondité, et alors seulement, le nihilisme sera définitivement dépassé, la renaissance aura un sens. Chacun à notre place, par nos oeuvres et par nos actes, nous devons servir cette fécondité et cette renaissance. Il n’est pas sûr que nous réussissions, mais après tout c’est la seule tâche qui vaille qu’on entreprenne et qu’on persévère<sup>32</sup>.

### Correcting the Existence: Ethics as Aesthetics in Albert Camus

**Abstract:** The development performed by the thought of Albert Camus (1913-1960) creates a profound unity between ethics and aesthetics. Starting from an explicitly ethical concern, the author comes to develop a philosophical anthropology, meaning as such a discourse about the man who has as core a concept that forwards it to what we might call an aesthetic dimension and then from that point, he can offer a solution to that ethical problem. Thus, we intend in this paper to explain the path which we referred to its three phases: (a) existence as an ethical problem, (b) the Camusian discourse about the man who has as its core the notion of *Passion* and, finally, (c) the development of a new *éthos*, based on the concept of *Passion* as a necessary response to an existential problem taken as a re-creation or permanent fixing, like the Artist’s craft.

**Key-words:** Camus – Ethics – Aesthetics – Existence.

### Referências bibliográficas

- CAMUS, Albert. *Le mythe de Sisyphe*. In: *Essais*. Paris: Gallimard, 1965 (Col. Bibliothèque de la Pléiade).
- \_\_\_\_\_. *L’homme Révolté*. In: *Essais*. Paris: Gallimard, 1965 (Col. Bibliothèque de la Pléiade).

32 CAMUS, Défence de ‘L’homme révolté’. In: *Essais*, p. 1715.

- \_\_\_\_\_. *Carnets II (janvier 1942 – mars 1951)*. Paris: Gallimard, 1962.
- \_\_\_\_\_. *La peste*. In: *Theatre, récits, nouvelles*, v. I. Paris: Gallimard, 1965 (Col. Bibliothèque de la Pléiade).
- CORBIC, Arnaud. *Camus, l'absurde, la revolte, l'amour*. Paris: L'Atelier & Ouvrières, 2003.
- PASCAL, G. Albert Camus ou le philosophe malgré lui. In: MATTÉI, J.-F. ; AMIOT, A.-M. *Albert Camus et la philosophie*. Paris: PUF, 1997.